

Entre Adem e Macau: a questão do orientalismo na correspondência de viagem de Camilo Pessanha¹

DUARTE DRUMOND BRAGA*

RESUMO: Não tem recebido muito atenção por parte da crítica as referências de Camilo Pessanha ao Oriente anteriores a 1894, apontando para a presença de um pensamento orientalista anterior à sua primeira viagem para a China. Na verdade, encontramos um orientalismo de escola como parte da sua bagagem literária, revelado nas cartas e nalguns poemas. Seguiremos este caminho de análise quanto algumas referências das cartas e de outros textos dedicados à China, mas também a outros espaços asiáticos, onde aparecerão algumas questões como a conexão entre morte e erotismo e os tópicos da desilusão e da suposta impenetrabilidade do “outro” oriental, o que será lido segundo o pensamento de Edward Said e de Victor Segalen.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Orientalismo; Correspondência; China; Médio Oriente

Um tópico da produção crítica acerca de Camilo Pessanha (sobretudo a que mais se interessou por questões biográficas) ocupa-se das razões da sua ida para Macau. Ester de Lemos, por exemplo, interpreta tal travessia em termos simbólicos, notando um “desejo de acção, de fruição da vida através de um esforço (...) simbolizado nessa longa viagem que empreende, jovem ainda (...), em demanda do velho Oriente” (172). Já Maria José Lencastre afirma que as cartas do poeta – hoje reunidas em edição mais completa de Daniel Pires (2012) – demonstram “(...) a escolha casual do Oriente (...) que contrasta nitidamente com a suposição dos

críticos que viram sempre na escolha de Macau uma predisposição de Pessanha para os mistérios orientais e para os *paradis artificiels*” (11-12).²

Com efeito, o problema deste *topos* acaba por ser o de pensar um episódio biográfico a partir de referências exclusivamente literárias. Se não podemos atribuir à influência de certos autores ou de certos livros o seu desejo de o poeta querer viver em Macau, faz contudo sentido considerar que essa ida se encaixa no contexto de um crescimento da máquina administrativa colonial, como lembra Brookshaw:

It would be a mistake (...) to see the Orientalist tendencies of Baudelaire and (...) António Feijó (...) as influencing Pessanha's own decision to leave for the East. (...) Pessanha's actual departure for Macau was more of a coincidence, and has to be explained in the context of the growing number of employment opportunities being created in the overseas territories as a result of Portugal's reassertion of its imperial vocation (23).

Todavia, não são tanto as motivações concretas da travessia que devem interessar ao presente trabalho, mas

*Doutor em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa (2014). É investigador de Pós-doutoramento na Universidade de São Paulo (Brasil), onde também leciona e é membro do Centro de Estudos Comparatistas. É atualmente membro do Projeto Pensando Goa (FAPESP) centrando a sua pesquisa na Literatura finissecular portuguesa, poesia em português (séculos XIX e XX), as Literaturas em língua portuguesa de Macau e Goa e Orientalismo Português. Co-organizou cinco livros/dossiês temáticos e tem publicado vários artigos sobre estes temas.

Postdoctoral researcher and lecturer at the University of São Paulo, and member of the Center for Comparative Studies. He holds a PhD (2014) in Comparative Studies from the University of Lisbon. He is currently part of the Thinking Goa Project (Fapesp) His current research interests are: Poetry in Portuguese (19th-20th centuries), the Lusophone Literatures from Macau and Goa and Portuguese orientalist writing. He has co-edited five books and several articles concerning these fields of research.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Victor Segalen Tiffauges, 1905
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Victor_Segalen_Tiffauges_1905.jpg

antes como se constroem as representações do *outro*, com o qual o sujeito de alguns textos de Pessanha se depara nas suas travessias para espaços a leste da Europa. Interessa, neste sentido, ler as referências à China e a Macau em conjunto com *outros* espaços. Tais episódios são retirados da correspondência e postos em diálogo com outros textos do autor, de modo a dar conta da relação que tais representações promovem com o discurso orientalista em torno do *outro*, noção que será abordada a partir do pensamento de Victor Segalen (1978). Quanto à questão do orientalismo, é Edward Said que nos ajuda a pensá-lo enquanto repositório de imagens e de tropos. O discurso orientalista é

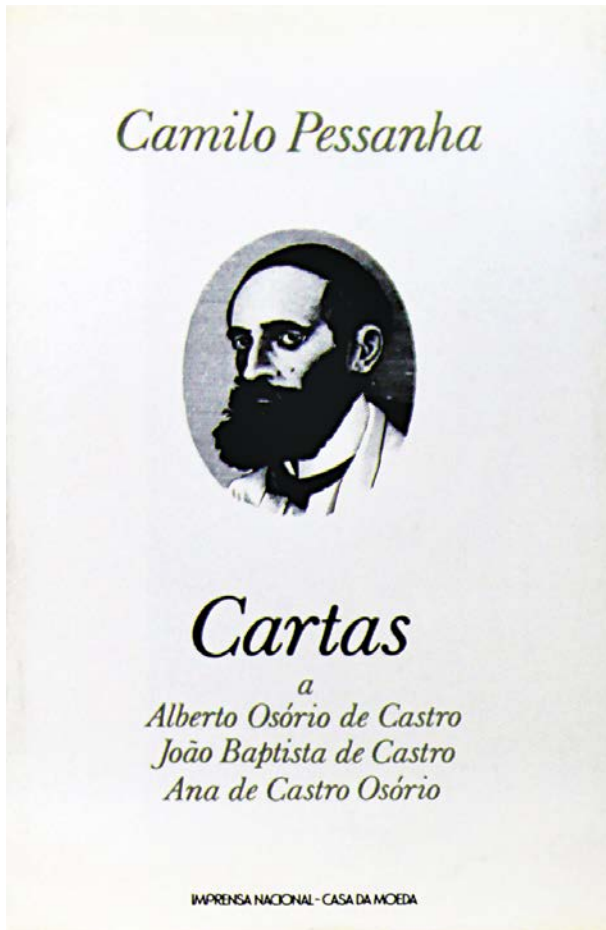
formulado como uma série de postulados – operativos nos planos ontológico e epistemológico – veiculadores de um essencialismo cultural, quer de valor negativo quer positivo, acerca de um *outro* que não é, todavia, uma entidade estável nem independente de um *si*. Na sua representação discursiva, o *outro* oriental encontra-se assim dotado de atributos ontológicos fixos e imutáveis que são o inverso de tudo o que o sujeito enunciador é ou aparenta ser. O presente texto não procura associar, de forma linear, a obra de Camilo Pessanha ao orientalismo, mas fornecer pistas para o entendimento da relação complexa e muitas vezes elusiva que estabelece com tal discurso.

Ainda a bordo do barco que o conduz a Macau, as primeiras missivas são enviadas pelo poeta ao pai e ao colega e amigo Alberto Osório de Castro. Trazem as primeiras descrições daquela cidade, bem como da travessia até lá, mostrando já um registo narrativo pitoresco³, dir-se-ia lotiano. É de supor que as leituras orientalistas fazem parte da bagagem da sua travessia para o “pálido Oriente – pálido e rútilo” (Pessanha *Correspondência* 120), expressão com olor a Pierre Loti retirada de uma carta a Osório de Castro. De resto, estas primeiras missivas assinalam o vivo interesse pela China e, mais importante ainda, um programa de escrita logo desde a arribação, como o desta carta ao pai enviada de Macau: “Quase já estou animado a escrever sobre coisas do Oriente” (Pessanha *Correspondência* 228).

Tenha-se em consideração uma carta ao pai, de 1894, escrita do estreito de Malaca. Ocupa-se, portanto, de geografias que ainda não são a China. Narra a primeira desilusão com o mundo que se lhe apresenta para lá da Europa, tópico habitual na literatura orientalista: o velho Oriente revelando-se como desilusão, quando confrontado com o livro, isto é, a autoridade com que viaja debaixo do braço. É o ponto da viagem no qual se desilude com Adem, cidade-porto junto ao Mar Vermelho, na primeira travessia para Macau: “Não vi coisa alguma do que dizia um artigo que eu li de António Enes: nem chins, nem turcos, nem índios, nem gregos... nem ingleses” (Pessanha *Correspondência* 219). Pessanha confronta a sua visão com a descrição de António José Enes⁴, manifestando o contraste com uma leitura que decerto lhe serviria de bagagem prévia à viagem, à semelhança da escrita de outros viajantes. Edward Said, em *Orientalism* (1978), procurou explicar tal fenómeno:

Que dizer das típicas emoções e experiências

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS



que acompanham tanto os avanços eruditos do orientalismo como as conquistas políticas proporcionadas pelo orientalismo? Em primeiro lugar, a desilusão pelo facto de o Oriente moderno não se parecer nada com os textos. (...). O lamento de Nerval é um tópico comum do Romantismo (...) e daqueles que viajaram pelo Oriente bíblico, de Chateaubriand a Mark Twain. Qualquer experiência directa do Oriente quotidiano é um comentário irónico sobre as valorizações a seu respeito que encontramos, por exemplo, em (...) Goethe, ou em (...) Hugo. A memória do Oriente moderno compete com a imaginação como se esse lugar, para a sensibilidade europeia, fosse preferível ao Oriente real (117).

Esta breve passagem pelo tema romântico da desilusão não se trata, contudo, em si mesmo

de um tópico orientalista, embora frequentes vezes mobilizado pelo discurso orientalista – tal como o autor palestiniense o entende –, onde recobre funções retóricas de relevo. Said admite-o, ao afirmar que “o desencanto pessoal (...) implic[a] outros hábitos mais familiares de pensamento, sentimento e percepção. A mente aprende a separar uma visão geral do Oriente de uma experiência específica do mesmo” (117).

Quando se coloca a questão da representação do Oriente prévia à ida para Macau é o poema «Desejos»⁵ o texto que invariavelmente é convocado. A presença de alusões orientalistas neste texto prévio a 1894 não é forçoso que indicie o desejo de auto-exílio do autor empírico – como a crítica Ester de Lemos (1981), numa leitura biografista, entendeu – ainda que sem dúvida aponte para uma concatenação de envios intertextuais à poesia orientalista francesa e portuguesa que importa considerar. Com efeito, esta composição, das mais recuadas no tempo manifesta, de forma explícita uma série de estereótipos orientalistas, como fica claro da leitura de três estrofes centrais do longo poema:

Desejo, nun's transportes de gigante,
Estreital-a de rijo entre meus braços,
Até quasi esmagar n'estes abraços
A sua carne branca e palpitante;

Como, d'Asia nos bosques tropicaes,
Apertam em spiral auri-luzente,
Os musculos hercúleos da serpente
Aos troncos das palmeiras collossaes...

E como ao depois, quando o canção
A sepulta na morna lethargia,
Dormitando repousa todo o dia
Á sombra da palmeira o corpo lasso;
(Pessanha Clepsydra 76-77)

Vários comentadores apontam este poema como a única presença textual objectiva do Oriente anterior à primeira deslocação, em 1894, para a China. De facto, apresenta-se distante em seu objectivismo – remetendo para Cesário Verde e para Guilherme de Azevedo – do que o leitor se habituou a conhecer como poesia de Pessanha. Interessa ressaltar ser sintomático de um orientalismo epocal comum a muitos contemporâneos de Pessanha, embora a expressão directa do desejo se afaste de, por exemplo, o erotismo casto e discreto do

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

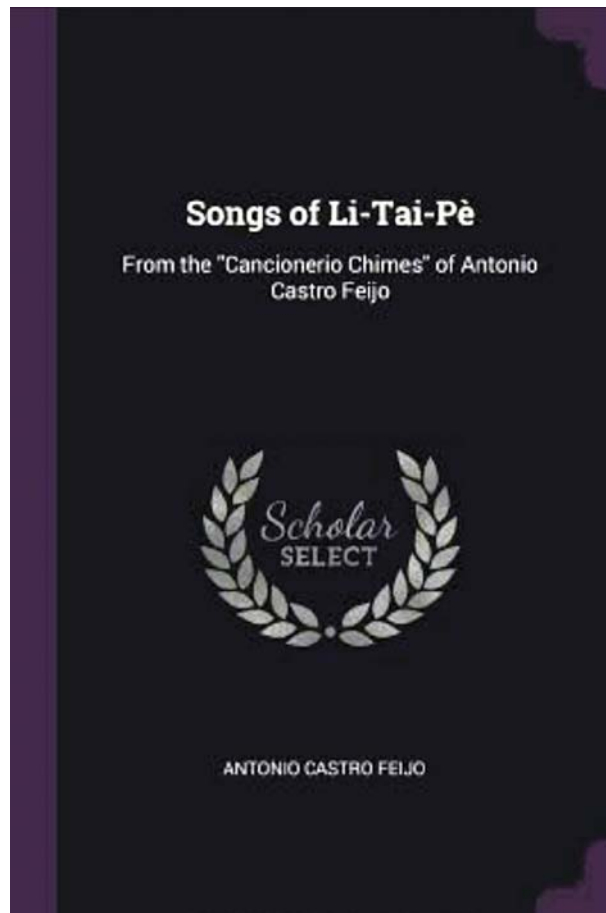
Cancioneiro Chinês (1890) de António Feijó.

Trata-se, na verdade, de um verdadeiro aglomerado de “stock orientalist imagery” (Brookshaw 23), na expressão exacta do crítico inglês. É nisso que, de facto, consistem as suas imagens, verdadeiras citações do imaginário orientalista europeu, quer a do fumante de ópio, quer a da mulher oriental como sinédoque de uma Ásia tropical. Este último marcador imagético de uma sexualidade opressiva, esmagadora e mortal, eclode por forma a justificar uma certa perspectiva da sensualidade feminina. Note-se como a visão orientalista, infiltrada na tessitura de um episódio pequeno-burguês que começa com “renda” e “corpete”, vai como que vibrando ao longo do texto. Os seus filamentos em dissolução são, por tal razão, no final comparados ao estado já pós-alucinatório de um fumador de ópio, o que acaba por desconstruir a própria alucinação oriental(ista) do poema. «Desejos», contudo, não possui uma continuidade a nível estético, nem em termos do seu imaginário orientalista explícito, nem da sua poética, com os textos de maturidade da *Clepsydra*, nem se afigura como previsão do Pessanha estudioso e amante da China, apesar da tentação biografista que passaria por considerar a referência ao ópio:

Como os ebrios chineses delirantes
Aspiram, já dormindo, o fumo quieto
Que o seu longo cachimbo predilecto
No ambiente espalhava pouco antes... (77)

Temos já traçado um pequeno percurso por textos que exibem conhecimentos da literatura orientalista antes mesmo da chegada do poeta à China. Tal permitiu supor que a literatura orientalista de alguma forma fará parte da construção do seu conhecimento sobre o *outro*, antes mesmo de, ao deparar-se efectivamente com ele, ter que lhe votar um lugar dentro do discurso. Atente-se na seguinte passagem numa carta de 1909 e no que ela nos traz:

Em Colombo dei um grande passeio de jerinkshá: fui visitar dois pequenos pagodes, indigentes, um budista, o outro hindu. (...) à saída uma rapariga muito escura, mas de lindo sorriso malicioso (...) foi cortar a um arbusto (...) uma grande flor vermelha idêntica às do altar. Tinha, como a maioria das mulheres hindus, os artelhos cheios de anéis. Sente-se ali, sob aquela atmosfera



que esmaga, naquela terra de fino pó vermelho impalpável, entre aquela prodigiosa vegetação de um verde escuro e lustroso, e aquela gente de tez sombria e vestuários de cores deslumbrantes, uma languidez que em nenhuma outra parte se sente, misto de indefinível voluptuosidade e de desejo de morrer... (Pessanha *Correspondência* 177).

Esta é talvez a passagem de toda a obra de Pessanha que se pode identificar de uma forma mais directa com o discurso orientalista. Trata-se de um trecho de uma carta a Carlos Amaro, narra uma passagem pela cidade de Colombo, no Ceilão (actual Sri Lanka), numa viagem de Lisboa a Macau depois de o autor já ter vivido no território durante quinze anos. A mulher “oriental” figurada como irracional e sensual, é um conhecido *topos* orientalista. Note-se como a personagem prolonga ao modo metonímico a paisagem, indistinguindo-se de um ambiente que corporiza as suas características. A “tez sombria” da sua

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

pele espelha o “verde escuro e lustroso” da vegetação, bem como os “vestuários de cores deslumbrantes” o aspecto luminoso da paisagem, coberta de “fino pó vermelho”. Esta descrição ecoa passagens como a seguinte do livro *Propos d'exil* (1887) de Pierre Loti, onde se encontram termos muito próximos para trazer à luz o mesmo cenário:

L'île étonnante de Ceylan, entrevue par grand vent sous un ciel noir... La terre y était jonchée des feuilles et des fleurs tombées de la voûte immense des arbres; la terre y était mouillée par des pluies de déluge; les nuits y étaient chaudes et sombres, et la senteur irritante du musc emplissait l'air. — Un trouble sensuel et lourd, jeté le soir par dès yeux indiens, par des femmes aux bras de bronze cerclés d'argent, qui marchaient avec des tranquillités de déesses, vêtues de draperies roses (Loti 22).

O desejo de morte, que atravessa a passagem de Pessanha, revela-se como uma verdadeira projecção do sujeito no objecto. Note-se a proximidade com o poema «Desejos». Lido à luz retroactiva da carta de 1909, evoca a mesma sensualidade sufocante, aqui condensada no seu apelo de morte, que remete para o famoso ensaio de Sigmund Freud (1856-1939) sobre esta questão, *Jenseits des Lustprinzips* (1920). A irracionalidade tensa mas estática destes textos permite lembrar a ligação do discurso orientalista a alguns dos motivos mais glosados em várias das suas figurações: *o sexo e a morte*. Com efeito, a obra de Pessanha apresenta várias destas retomas temáticas no seio do seu parco material textual:

Desejo, nun's transportes de gigante,
Estreital-a de rijo entre meus braços,
Até quasi esmagar n'estes abraços
A sua carne branca e palpitante;

Como, d'Asia nos bosques tropicaes,
Apertam em spiral auri-luzente,
Os musculos hercúleos da serpente
Aos troncos das palmeiras collossaes...

E como ao depois, quando o canção
A sepulta na morna lethargia,
Dormitando repousa todo o dia
Á sombra da palmeira o corpo lasso;
(*Clepsydra* 76-77)



Escritor Francês Pierre Loti (1850-1923). Recepção na Academia francesa a 7 de Abril de 1892. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pierre_Loti_en_acad%C3%A9micien.jpg

Tratam-se dos mesmos motivos desta tríade tropical: a morte, o calor e o sexo. Tal como na missiva de 1909 (“prodigiosa vegetação de um verde escuro e lustroso”), surge caracterizada a vegetação entre o fecundo e o monstruoso (“troncos das palmeiras collossaes”), elemento figurativo que também comparece na passagem lotiana (“la voûte immense des arbres”). Encontram-se ainda expressões similares referentes à prostração propiciada pelo clima (“quando o canção/ A sepulta na morna lethargia/ Dormitando repousa todo

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

o dia/ Á sombra da palmeira o corpo lasso”). Note-se como o campo semântico fúnebre da primeira forma verbal se prolonga no efeito de esmagamento aludido na epístola: “atmosfera que esmaga, (...)”, uma languidez que em nenhuma outra parte se sente”. Já na referida obra de Loti sublinha-se o tónus doentio dessa letargia (“Un trouble sensuel et lourd”). Outro eco interno, no que tange à obra de Pessanha, destes motivos seria a seguinte passagem da crítica a *Flores de Coral* de Alberto Osório de Castro, texto de 1910:

A inteligência (...) vai naturalmente (...) roçar pela ideia da morte (...) [,] entrelaçada no amor e integrando a vida. Palpita na luz dos astros, estua na seiva das florestas virgens, ondula no colubríno estorcer-se das bailadeiras indianas, satura o olhar indagador e sério, que com o do poeta se cruzou, sobre o *deck* de um transatlântico, de uma touriste anônima... entrelaçada no amor e integrando a vida (*Flores de Coral* 108).

Esta passagem evoca Alberto Osório de Castro. Em um grande número dos seus poemas encena-se o interesse erótico do sujeito poético por mulheres nórdicas conhecidas a bordo, bem como o motivo, glosado de forma também abundante, das bailadeiras. Não deixa de comparecer a metáfora vegetal, prolongando-se no corpo humano de uma forma que recorda os textos que acabam de ser tratados (“estua na seiva das florestas virgens, ondula no colubríno estorcer-se das bailadeiras indianas”). Mas o ponto mais importante desta visão consiste na explicitação da presença da morte sob as imagens da sensualidade: “A inteligência (...) vai naturalmente (...) roçar pela ideia da morte (...) entrelaçada no amor e integrando a vida”.

Antes de prosseguir esta leitura, é força retornar ao substantivo *languidez*, que já havia feito a sua aparição no encontro do sujeito com a mulher de Colombo: “uma languidez que em nenhuma outra parte se sente, misto de indefinível voluptuosidade e de desejo de morrer... (Pessanha *Correspondência* 177). Recorde-se que *lânguida* é também a própria “alma” do sujeito poético, no poema de abertura da *Clepsydra*, conhecido pelo título «Inscrição». Como lembra Paulo Franchetti (2008) – ainda que retire o título da sua edição de 1995 – não se pode escamotear o papel que desempenha a palavra. No seu comenário a «Inscrição», afirma:

A quadra designada para abrir o livro anuncia o tema do exílio e seu desenvolvimento nostálgico:

a perda do país em que se deu o nascimento real ou espiritual conduz à languidez. (...) Os dois adjetivos que definem a alma exilada são os pontos focais deste poema, que ecoa em vários outros que comporão a *Clepsydra*. É para o primeiro – *lângida* – que converge toda a primeira parte da quadra. E é do segundo – inerte – que decorre toda a segunda parte, com o desejo de subtracção à superfície, de absorção pelo seio da terra, onde os seres desarmados e destituídos de energia podem encontrar protecção e abrigo. Abrindo o livro, essa quadra fornece uma chave de leitura, que traz para primeiro plano, além do tema do exílio e do langor desistente, o anseio pela aniquilação, como forma de subtracção à dor (59-60).

O *lânguido* é aquele que assim ficou por ter sobrevivido à visão da luz “em um país perdido”, sendo que o seu langor é um efeito do exílio existencial que só a aniquilação pode resolver. Os *lânguidos* assumem-se como possuídos por um desejo de morte, uma vez que o uso do primeiro naturalmente conduz ao segundo. Estamos perante uma leitura simultânea, da parte de Camilo Pessanha, de tópicos do misticismo cristão e de Schopenhauer. Tal foi já assinalado por Franchetti (2008), ao comentar a seguinte passagem de uma confissão juvenil. Trata-se de uma carta não datada (Daniel Pires avança a data de 1888) a José Benedito Pessanha, em passagem que parece traçar um programa de escrita poética:

O verso não teria nome. Dividi-lo-ia em duas partes. A primeira havia de ser a luta pela realização do prazer, com a certeza de lutar por uma aspiração falsa. Seria talvez pessimista: o prazer, não tendo realidade sua, era o aniquilamento do desejo, de forma que esta luta representaria ansiar a morte. A outra parte – excepções, consolações, aniquilamentos parciais do eu, êxtases, espasmos e modorras. Isso mesmo tinha um ressaibo a dor e a injustiça. Cada desejo constitui uma dívida da natureza para quem o sente: a morte é a cedência das dívidas antigas, para evitar que ela volte a contrair novas dívidas (241).

Morte, aniquilamento: no fundo, regresso por absorção à natureza brutal, quente, agressiva onde se pode encontrar “protecção e abrigo” (Franchetti 59-60). A flora prolífica acentua um desejo que também está na natureza, de que a mulher é um vivo prolongamento,

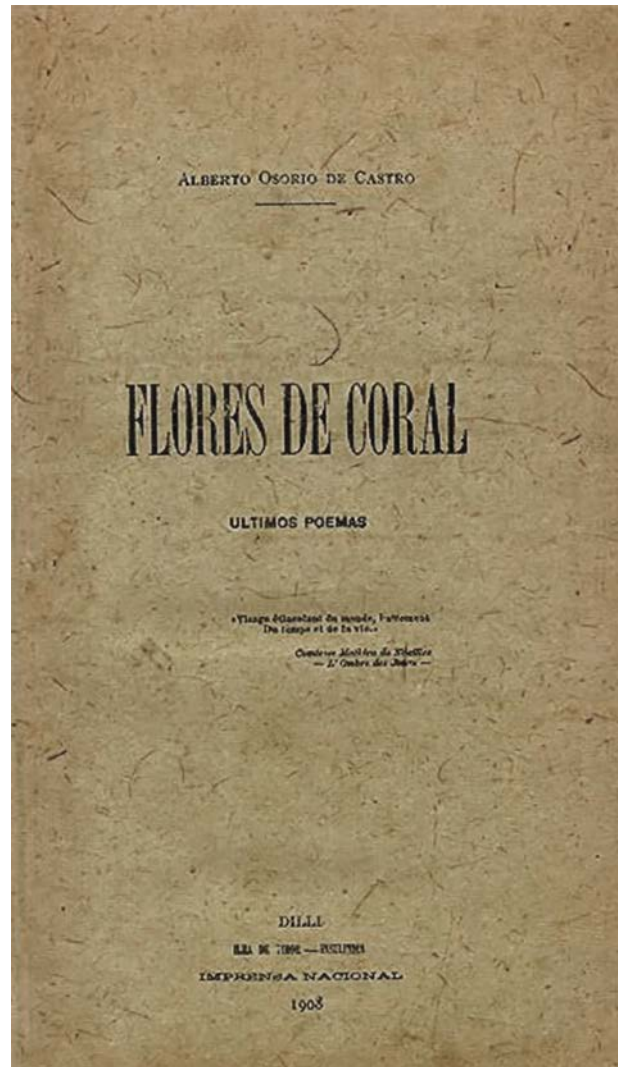
TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

ambas imagens de um desejo verdadeiramente mortal, “dívida da natureza”. A questão do clima não é de somenos, pois o calor representa o do desejo, em simultâneo, *da e pela* mulher oriental. O calor mortal a que o poeta se refere várias vezes nas cartas ao pai acerca da passagem pelo Médio Oriente caldeia-se, agora, no torpor que a figura feminina transpira. Este último reside quer no sujeito, quer no objecto, quer ainda no que os envolve, de novo remetendo para a questão da vitalidade: o *outro*, que a possui, quer morrer, quer extinguir-se. E o *si*, ou o sujeito, que encontra no primeiro, senão uma projecção da sua própria imagem?

É possível supor que, mediante um princípio de complexificação do pensamento essencialista que subjaz ao orientalismo, o sujeito mostra consciência de que o *outro* é na verdade uma emanção do *si*. O sujeito atribui-lhe qualidades que estão, antes de mais, nele próprio, lânguido antes de encontrar languidez fora de si. Este (não)-desejo de conhecer o outro, as razões do seu desejo de morrer configura a impossibilidade de conhecer e sua subsequente desilusão, que é na verdade a impossibilidade de o próprio se conhecer a si mesmo e às razões da sua languidez. Não importa saber porque é que o *outro* deseja morrer, pois é da sua obscura natureza desejá-lo tal como, em última instância, não interessa saber porque é que o sujeito quer dissolver-se, desaparecer.

O tema da desilusão do conhecimento far-se-á também presente num texto que, à superfície, se apresenta como claramente orientalista, o «Prefácio» de 1912 à obra, publicada em Macau, de Morais Palha *Esboço Crítico da Civilização Chinesa*. “A alma chinesa é um abismo insondável...” (*Prefácio* 143), confessa Pessanha, depois de a haver descrito com foros de cientista, autoridade que lhe dá o facto de ser “*um dos mais antigos residentes da colónia*” (*Correspondência* 123, ênfase do autor). No entanto, ei-lo perante o escolho do conhecimento orientalista: por não ser possível, afinal, conhecer o outro revela-se o ponto cego do orientalismo. Assim, aquele desejo de morrer não seria mais do que a própria figuração irruptiva no seio do texto – sob a figura da mulher – dessa falha no sentido, dessa bolha de ar residente no imo do discurso orientalista.

À luz desta ideia de uma falha no conhecimento pode insistir-se em reler os aspectos aparentemente mais crus do «Prefácio» a Morais Palha. Haveria algo de nuclear no *outro* “oriental” que se afiguraria como resistente ao



próprio conhecimento (europeu), construído de acordo com os modelos do cientismo oitocentista. Certo que tal pode ser recuperado enquanto um tópico da própria textualidade orientalista – conforme sugeriu Said⁶ – ainda que se revele desconstrutivo face aos mecanismos desse discurso. Trata-se do núcleo *negativo* que suporta a própria possibilidade de haver uma construção *positiva* do outro em meio ao discurso orientalista. É possível descrever de forma científica (como o prefácio pretende) o *outro*, mas, por outro lado, parece sugerir-se que há nele algo de tão radicalmente outro, que nunca poderá ser plenamente descrito. Tal impossibilidade não pode deixar de remeter para a releitura que Victor Segalen (1978) fez do termo *exotismo* em *Essai sur l'Exotisme*:

L'Exotisme n'est donc pas une adaptation; n'est

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

donc pas la compréhension parfaite d'un hors soi-même qu'on étreindrait en soi, mais la perception aiguë et immédiate d'une incompréhensibilité éternelle (44).

Segalen deixa bem claro que no *outro* reside um núcleo de impenetrabilidade ao qual o sujeito não consegue aceder. Interessa-nos sobretudo notar que tal noção se opõe à forma pela qual o pensamento orientalista endereça esse mesmo mecanismo gnoseológico: um conhecimento linear, directo e total do *outro*. Assim, para o romancista francês, é essa incompreensibilidade que sustenta e mantém

este último enquanto *outro*, ao nível de um gesto da consciência por parte do observador.

Camilo Pessanha, nos seus encontros com vários personagens ao longo das suas travessias entre Lisboa e Macau, muitas vezes representa não-entendimentos que redundam em desilusões, apontando para a presença de um discurso que se torna consciente dos limites e transformações do próprio orientalismo. É como se a vanidade ou inutilidade do conhecimento do outro acabasse por deixar marcas no texto que permitem começar a pôr em causa as construções orientalistas do discurso em torno de tais figuras. **RC**

NOTAS

- 1 A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo apoiou a pesquisa para este texto (número do processo 2014/00829-8). Produzido no âmbito da Bolsa Bepe-Fapesp 2017/22008-4.
- 2 Casual ou não, a escolha de Macau ter-lhe-á parecido mais agradável do que a da África portuguesa – que em carta de 1907 a Osório diz detestar – para uma carreira de magistrado colonial. Contudo, em 1891 dizia jocosamente preferir África ao Oriente, pois aí era a terra “das febres e dos negros e dos negreiros, e das donas Ifigénias, donas Zulmiras e donas Georginas, que com a sua colaboração sustentam o *Almanaque de Lembranças*” (Pessanha *Correspondência* 107). Macau será o local onde, depois de 1894, se enraíza definitivamente e do qual não quererá sair, envidando esforços para que não lhe sejam impostas as mesmas e dolorosas errâncias que foram ao seu colega de carreira Alberto Osório de Castro.
- 3 Veja-se o tom paródico desta descrição de chinesas em uma carta a Alberto Osório de Castro, expedida de Macau, e datada apenas do ano de 1895: “Haviam de ser assim umas bonecas, com os seus pés, que não servem para andar, as suas bocas pintadas de carmim e as suas sobranceiras aparadas à navalha de barba em finos parêntesis, as que haviam de rezar os meus ofícios, na sua cantilena sem dor feita de só duas notas, e acompanhada em uma viola de três cordas. E todas em requebros, com os braços cruzados, haviam de esconder as cabecinhas as duas mangas da cabaia, a fingirem que choravam, muito tristes” (Pessanha *Correspondência* 117).
- 4 António José Enes (1848-1901) foi um político ultramarino que o poeta invoca como uma autoridade (desmentida) em assuntos do Oriente. Não foi possível descobrir que artigo seria este, mas seria sem dúvida um artigo aconselhando o viajante português sobre o que iria encontrar em viagem para Leste. Acrescente-se que António Enes havia sido Ministro da Marinha e Ultramar de 1890 a 1891.
- 5 Este poema consiste numa versão muito distinta de um texto mais antigo, que levava o título «Lúbrica». A edição de Franchetti (1995) segue transcrição de manuscrito datado de 1888-1889, ainda de Coimbra. A primeira publicação do poema é apenas de 1967 (João de Castro Osório recolheu-o de *O Primeiro de Janeiro*) e, em livro, da edição de 1969 da Clepsidra e outros poemas, feita pelo mesmo autor.
- 6 Said afirma que “O Oriente torna-se (...) um quadro vivo de tudo aquilo que é extravagante. [#] E este quadro torna-se, de forma totalmente lógica, um tópico especial para [sic] os textos. Assim se completa o círculo; de estar exposto como aquilo para que os textos não nos preparam, o Oriente pode regressar como algo sobre o qual se escreve de modo disciplinado” (120-121).

BIBLIOGRAFIA

- Brookshaw, David. “Native Colonial or Colonial Native? China through the Eyes of Camilo Pessanha.” *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature – Border Gates*. Lewiston/Lampeter: Edwin Mellen Press, 2002. 17-34.
- Franchetti, Paulo. *O Essencial sobre Camilo Pessanha*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.
- Lemos, Esther de. *A Clepsidra de Camilo Pessanha*. Lisboa: Editorial Verbo, 1981.
- Lencastre, Maria José de. “Notas.” Camilo Pessanha. *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*. Ed. Maria José de Lencastre. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. 91-117.
- Loti, Pierre. *Propos d'Exil*. Paris: Calmann Lévy, 1887.
- Pessanha, Camilo. “‘Flores de Coral’ de Alberto Osório de Castro.” *Camilo Pessanha Prosador e Tradutor*. Ed. Daniel Pires. Macau: Instituto Português do Oriente, 1992. 105-110.
- _____. “Prefácio ao Livro ‘Esboço Crítico da Civilização Chinesa’ de J. António Filipe Morais Palha.” *Camilo Pessanha Prosador e Tradutor*. Ed. Daniel Pires. Macau: Instituto Português do Oriente, 1992. 123-155.
- _____. *Clepsidra*. Ed. Paulo Franchetti. Lisboa: Relógio d’Água, 1995.
- _____. 2012. *Correspondência, Dedicatórias e Outros Textos*. Ed. Daniel Pires. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal/ Campinas: Editora da Unicamp.
- Said, Edward. *Orientalismo*. Lisboa: Cotovia, 2004.
- Segalen, Victor. *Essai sur l'Exotisme*. Paris: Fata Morgana, 1978.